

CMP 2.1.7.259

CORREIO POPULAR

O PAPA

Caderno especial. Não pode ser vendido separadamente

Campinas, sábado, 12 de outubro de 1991



ARQUIVO/7.7.80

João Paulo II beija o chão de Brasília ao descer do avião, em sua primeira viagem ao Brasil

DE VOLTA

Retorno ao Brasil ocorre onze anos depois

CARLOS GARCIA
Agência Estado

O papa João Paulo II chega ao Brasil amanhã, 11 anos depois de sua histórica visita de 1980, quando reuniu multidões de centenas de milhares de pessoas para vê-lo e ouvi-lo. Ao contrário de sua primeira visita, feita às grandes cidades, desta vez o Papa conhecerá capitais de Estados menores e apenas duas cidades serão revisitadas: Brasília, por ser a capital do País, e Salvador, porque sua arquidiocese é dirigida pelo cardeal-primaz do Brasil, dom Lucas Neves, amigo pessoal do Papa, de quem foi professor de português.

João Paulo II iniciará sua excursão ao Brasil pela cidade de Natal, Rio Grande do Norte; lá ele presidirá as solenidades de encerramento do Congresso Eucarístico Nacional, onde fará uma reflexão sobre os 500 anos de evangelização das Américas, um dos pontos mais marcantes de sua visita. Em seguida, visitará São Luis, Brasília, Goiânia, Cuiabá, Campo Grande, Florianópolis, Vitória, Maceió, e, encerrando a viagem, Salvador, de onde partirá de regresso a Roma, na manhã do dia 21 de outubro.

Durante nove dias, nessas visitas à capital do País e nove capitais de Estados, o Papa fará 27 pronunciamentos, entre saudações, discursos e homilias, quando reafirmará a posição da Igreja sobre problemas religiosos e da atualidade mundial, principalmente questões que afetam o Brasil. Em sua primeira visita, João Paulo II, graças ao seu carisma, conquistou a simpatia até de brasileiros não-católicos ou mesmo não religiosos. Onze anos depois, tudo indica que sua viagem terá o mesmo sucesso, inclusive porque as cidades a serem visitadas são outras em sua quase totalidade. E a curiosidade popular de conhecer pessoalmente o Papa é muito grande.

O papa João Paulo II é um fenômeno. Ele sabe utilizar os meios de comunicação de massa, principalmente a televisão, como muitos poucos líderes políticos da atualidade. Já foi definido como "super-estrela", "showman" e outros adjetivos parecidos. É descontraído e informal. Atleta na juventude, até hoje pratica esportes. Polêmico, seus pronunciamentos podem agradar — ou desagradar — as duas principais correntes em que está hoje dividida a Igreja Católica em todo o mundo — conservadores e progressistas —, embora nos últimos anos suas posições tenham se identificado muito mais com as dos conservadores.



Papa durante missa que rezou em Belo Horizonte, em 1980

Papa e Collor se reúnem por 4 horas

O presidente Fernando Collor vai estar apenas quatro horas com o papa João Paulo II, incluindo-se aí as três horas previstas para a duração da missa na esplanada dos ministérios, na terça-feira. O Itamaraty descartou a hipótese do presidente ir a Maceió, onde o Papa vai estar dia 19 por três horas e 20 minutos.

Somando-se os dez dias que estará no Brasil, em sua segunda visita ao País em 11 anos, João Paulo ficará em território nacional por 254 horas e 15 minutos.

O Papa e o presidente se encontrarão em duas oportunidades: a primeira delas no Palácio do Planalto por uma hora, e a segunda na missa da esplanada. Na "via-

A história controvertida de um polonês

Karol Wojtyla nasceu na Polônia em 1920, filho de uma lituana e de um suboficial do Exército polonês, de família nobre. Foi pedreiro, operário da indústria química e ator de teatro, antes de se dedicar à vida religiosa. Chegou a escrever peças de teatro e poemas publicados sob o pseudônimo de Andrea Jamien. Ficou órfão de mãe aos nove anos e de pai aos 21, quando a Polônia estava sob ocupação nazista. Algumas fontes dizem que Wojtyla participou da resistência antinazista, mas este fato nunca foi comprovado, da mesma forma que parece lenda o falado namoro com uma colega de teatro, Halina, atriz famosa em sua terra. Procurada por jornalistas, ela apenas tem dito: "Eu e Lolek (o apelido familiar do papa) éramos apenas bons amigos".

O futuro papa estudou num seminário clandestino na Cracóvia e ordenou-se padre quando a Polônia já havia sido libertada do jugo alemão e começava uma nova subjugação, a do partido comunista. Passou dois anos estudando em Roma, onde defendeu uma tese sobre Max Scheler, de quem se disse um discípulo, voltou à Polónia como pároco. Em 1958, aos 38 anos, estava pescando quando recebeu a notícia de que fora escolhido bispo auxiliar da Cracóvia. Continuou tranquilamente a pescar, esporte de que sempre gostou, ao lado de esquiar, remar e nadar.

Durante o Concílio Vaticano II mostrou-se aberto e tolerante em todas as suas intervenções. Foi nomeado ar-

cebispo da Cracóvia em 1964 e três anos depois escolhido cardeal. Na época, a Polónia tinha um único cardeal, Stefan Wyszynski, de Varsóvia, conhecido como "Primaz de Ferro". Segundo se disse na ocasião, o então papa Paulo VI o nomeou cardeal porque queria alguém mais flexível para dialogar com o regime comunista polonês. Eleito sucessor de São Pedro em 1978, Karol Wojtyla foi o primeiro papa não italiano em 455 anos, e o 265º homem a dirigir a Igreja.

Circulam versões nunca confirmadas de que o papa seria um homem doente. Sabe-se ao certo que ele foi atropelado por um bonde e teve o crânio fraturado. Depois, quase morreu esmagado por um caminhão desgobernado, o que o deixou com os ombros meio curvados. Dizem que ele sofre de espondilose ou ancilose vertebral (ossificação da coluna), e que por isso é obrigado a nadar com frequência. Especula-se também que o atentado que sofreu em 13 de maio de 1981 deixou sérias seqüelas, o que o obriga a utilizar frequentemente o sanitário. Tanto assim que as autoridades encarregadas de organizar suas visitas a cada cidade foram solicitadas a instalar sanitários com banheiros em todos os locais onde serão rezadas missas.

Nada disso, entretanto, faz diminuir o ritmo de trabalho de João Paulo II, nem o seu gosto pelas viagens, inclusive as cidades e países onde sabe que vai encontrar dificuldades e oposições. Continua o mesmo lutador, com o mesmo entusiasmo com que assumiu o papado num delicado momento da igreja, quando se especulava até na possibilidade de seu antecessor ter sido assassinado.

O PAPA DE VOLTA

Editor-Chefe
Eduardo Mattos

Editor

Ismael Pfeifer

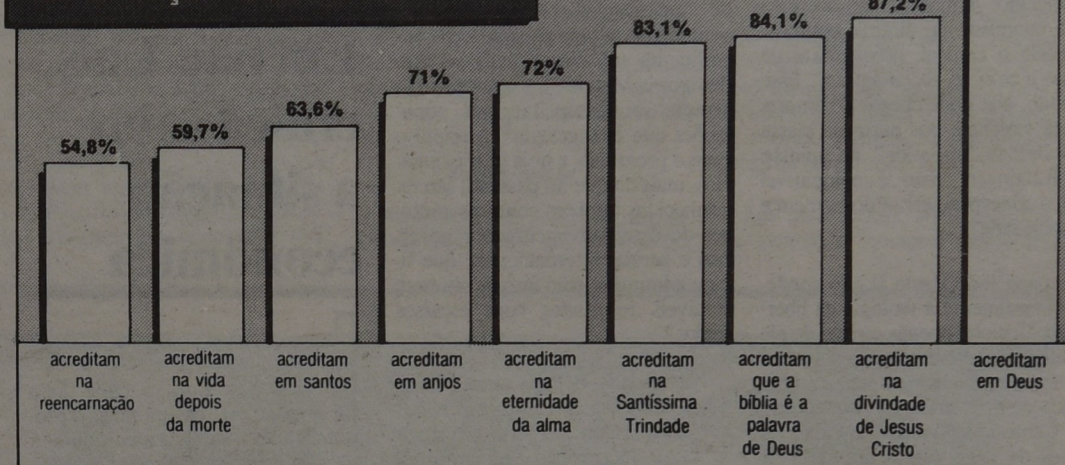
Av. José de Souza Campos,
2.330
Fone: 52.7088

sacra" pelo Brasil, João Paulo II estará sempre acompanhado por 33 pessoas, que vão compor a comitiva oficial do Vaticano, entre elas, o núncio apostólico no Brasil, dom Carlo Furno, o presidente da CNBB, dom Luciano Mendes de Almeida, e o secretário geral da CNBB dom Antonio Celso Queiroz.

Papa visita o maior país católico do mundo

O Brasil é tido como o maior País católico do mundo — aqui moram mais adeptos da Igreja Católica Apostólica Romana do que em qualquer outro país do mundo. O brasileiro também é conhecido como um católico relaxado. Mas quem é realmente o católico que o papa João Paulo II vai encontrar em sua segunda viagem ao Brasil? Não existem pesquisas ou levantamentos em nível nacional que permitam a elaboração de um perfil cuidadoso do católico brasileiro. Mas duas pesquisas realizadas pela Arquidiocese de Belo Horizonte em 1990 sobre a fé e as práticas religiosas dos habitantes da região metropolitana de Belo Horizonte e sobre a participação nas missas de domingo na mesma região ajudam a traçar esse perfil. Em resposta à primeira das pesquisas, feita por amostragem, 73,3% dos entrevistados se declaram católicos, 9% crentes evangélicos, 3,9% espíritas, 3,4% protestantes, 1,4% umbandistas ou de influência afro, 0,5% de seitas orientais, 0,4% de outras religiões; 8,2% não res-

As crenças dos brasileiros



Pesquisa feita pela Arquidiocese de Belo Horizonte

ponderam e correspondem aos que dizem não ter religião.

Acredita-se que esse índice de 73,3% encontrado em Belo Horizonte corresponda, mais ou menos, ao restante do País, o que significa existirem no Brasil cerca de 108 milhões de católicos.

As pesquisas promovidas pelo

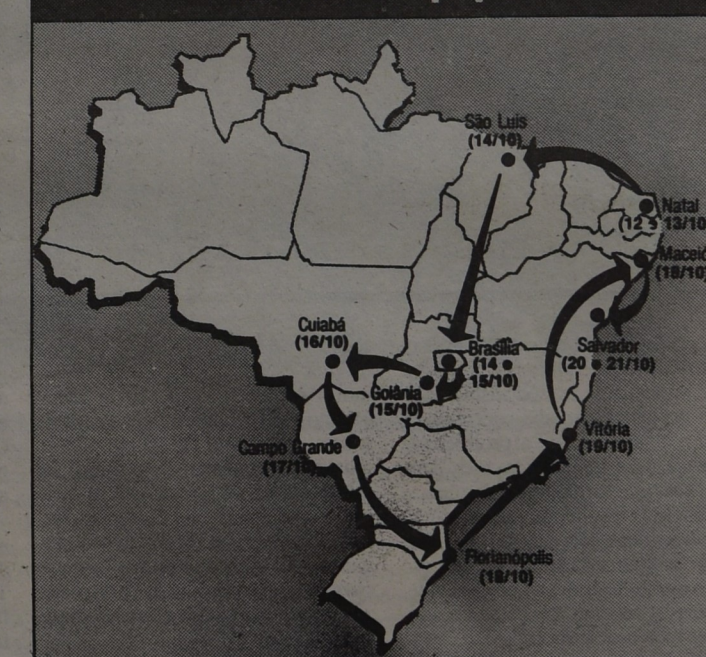
arcebispo dom Serafim Fernandes de Araújo desenham, ao menos em traços gerais, o retrato da religiosidade do belo-horizontino e, por suposição, do brasileiro.

Dizem acreditar em Deus 98,4% dos entrevistados; 87,2% acreditam na divindade de Jesus Cristo; 84,1% aceitam a Bíblia como a palavra de Deus; 83,1% acre-

ditam na Santíssima Trindade; 72% na imortalidade da alma; 71% na existência de anjos; 63,6% acreditam em santos; 59,7% crêem na vida depois da morte e 54,8% acreditam na reencarnação. Assim, a divindade de Jesus Cristo é aceita praticamente por todos; exceto pelos que não têm religião.

A VISITA, PASSO A PASSO

Roteiro do papa



de onde seguirá, em "papamóvel", para a residência dos padres jesuítas, onde terá jantar privativo e pernoitará. **Dia 18, sexta** — Missa campal com beatificação da Madre Paulina às 8h45, no aterro da Baía Sul. Almoço na residência dos padres jesuítas. Encontro com as religiosas no ginásio coberto do Sesc às 15h30.

Florianópolis. Dia 17, quinta — Chegada ao aeroporto às 19h55 e traslado em helicóptero ao centro de treinamento da Polícia Militar,

Vitória. Dia 18, sexta — Chegada ao aeroporto às 19h25, e deslocamento para o centro de treinamento dom João Batista, onde jantará e pernoitará. **Dia 19, sábado** — Missa campal no aterro da Conduza, às 8h45. Em seguida, de helicóptero, deslocamento até a favela lixão de São Pedro, onde falará aos favelados do alto de um pódio. Ainda de helicóptero, deslocamento para o aeroporto. O almoço será servido a bordo.

Madre Paulina será beatificada

Quando o papa João Paulo II presidir o ritual de beatificação de Madre Paulina, na manhã do dia 18 de outubro em Florianópolis, o culto aos poderes miraculosos da madre será oficialmente reconhecido pela Igreja Católica. A beatificação é o primeiro passo oficial para a santificação.

Madre Paulina nasceu Amabile Visintainer, em Virgolo Vattaro, na província italiana de Trento, em 16 de dezembro de 1865. Aos dez anos de idade imigrou para o Brasil acompanhando os pais. Viveu em Nova Trento (SC), São Paulo e Bragança Paulista.

O processo de beatificação foi iniciado em 1965, depois que diversas graças foram alcançadas e a ela atribuídas, conforme recorda a irmã Eren Reis, que hoje coordena a Casa de Retiros de Nova Trento.

Maceió. Dia 19, sábado — Chegada ao aeroporto às 15h25. Deslocamento de helicóptero até o Estádio Rei Pelé, de onde, no "papamóvel", se deslocará até o Conjunto Residencial Virgem dos Pobres, para uma celebração da palavra. Dali, utilizando o "papamóvel" e o helicóptero, retorno ao aeroporto.

Salvador. Dia 19, sábado — Chegada ao aeroporto às 19h45 e deslocamento em helicóptero para o aterro Boca do Rio Armação e, no "papamóvel", para a sede do arcebispo, onde janta e pernoita. **Dia 20, domingo** — No arcebispo, uma saudação informal a representantes de igrejas cristãs, às 8 horas. Às 8h15, deslocamento no "papamóvel" à Basílica do Senhor do Bonfim, para uma visita e uma prece. Em seguida, encontros com as crianças e com o mundo das culturas na catedral, visita à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, onde fará uma oração do Angelus, e retorno ao arcebispo para almoço e descanso. À tarde, utilizando helicóptero e "papamóvel", chegará às 16h30 ao aterro da Boca do Rio da Armação, onde está erguido o altar para uma missa campal. Depois, também de helicóptero e "papamóvel", retornará ao arcebispo para o pernoite.

Dia 21, segunda-feira — missa privativa na capela do arcebispo às 7 horas, seguida de deslocamento para o aeroporto, onde, às 8h45, fará o discurso de despedida do Brasil, embarcando às 9h15, de volta a Roma.

Evangelização das Américas é o destaque em Natal

O papa João Paulo II chega a Natal hoje para o encerramento do 12º Congresso Eucarístico Nacional, com a presença representativa de quase todo o clero do País. A programação oficial diz que seu mais importante pronunciamento será sobre os 500 anos de Evangelização das Américas.

A principal lembrança do início da colonização do Brasil é o quadro de uma missa celebrada pelo missionário franciscano José de Coimbra. Dela participaram os portugueses que acompanharam a expedição de Pedro Álvares Cabral e os índios, que, sem opção, cederam lugar ao mundo civilizado.

Qualquer crítica ao modelo de colonização do País passa necessariamente pela postura que a Igreja assumiu nos últimos cinco séculos. Atrelada ao Estado ou em oposição a ele, a Igreja sempre teve poder e dinheiro para influenciar na cultura e na vida de quem comparece ou não aos templos de oração.

Nos últimos 25 anos, após o Concílio Vaticano II, a Igreja na América Latina tornou-se mais crítica dela própria, na medida em que ampliou a influência dos leigos nas decisões do clero. As conferências dos bispos em Medellín no ano de 1968 e Puebla em 1979 revolucionaram a linha de Evangelização, criando a polêmica "opção preferencial pelos pobres". Essa opção levou a Igreja latino-americana a se tornar mais próxima da esquerda. Colaborou decisivamente na derrubada de regimes militares, e, particularmente no Brasil, foi durante o período da repressão refúgio dos opositores do regime e a voz em defesa dos perseguidos por causa da política.

Em termos de ação missionária, a Igreja da América Latina criou a teologia da libertação. Na sua forma de análise, a salvação do homem não acontece depois da morte, mas durante a vida, que precisa ser farta e digna para todo mundo. A conquista dessa vida digna, no plano teológico, não se faz de modo contemplativo, mas mediante a mobilização popular. Salário, saúde, lazer, escola, terra para trabalhar, habitação, propriedade indígena, discriminação da mulher e do negro são alguns temas que nos últimos anos uniram clero e parte da sociedade civil. A adoção da organização associativa e da formação de lideranças como forma de conquistar a salvação do homem no mundo levou muitos agentes da Igreja a se sentirem afinados com algumas estratégias marxistas, profundamente condenadas pelo papa João Paulo II.

Em 1984, a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, sob o comando do cardeal Joseph Ratzinger, pela

primeira vez pronunciou-se a respeito da teologia da libertação, advertindo seus seguidores para o risco de uma interpretação marxista do Evangelho. A mobilização do povo para conquista de direitos comuns, segundo o cardeal, gerou "luta de classe e conflito social agudo". Esse método, que pode chegar ao emprego da violência por parte da classe considerada "oprimida", na opinião de Ratzinger, "não é compatível com a concepção cristã do homem e da sociedade".

O papa João Paulo II não condenou literalmente a teologia da libertação. Criticou apenas o risco de ela se limitar a oferecer uma salvação do homem, mediante apenas a conquista de bens materiais. Na encíclica "Centesimus Annus", o Papa cita frases de Leão XIII para reforçar

tre os culpados pela atual situação indígena e pela própria estrutura social de ricos e pobres no País, não espera de João Paulo II, um discurso de "mea culpa". O Papa não irá penitenciar-se pelo passado. Ao contrário, na sua carta encíclica "Redemptoris Missio", diz que "a Igreja sempre soube suscitar, nas populações que evangelizou, o impulso para o progresso, e hoje os missionários, mais do que no passado, são reconhecidos também como promotores de desenvolvimento por governos e peritos internacionais, que ficam admirados pelo fato de obterem notáveis resultados com escassos meios".

Na verdade, o Papa deverá dizer à Igreja do Brasil reunida em Natal que desde o Concílio Vaticano II até agora, o Hemisfério Sul continua

despertando as consciências com o evangelho. O progresso humano deve assentar as suas raízes sobre uma evangelização cada vez mais profunda".

Em São Luís, crítica sobre a situação econômica

Em São Luís, o papa João Paulo II deverá fazer o pronunciamento mais crítico sobre a questão econômico-social brasileira.



Fiéis tentam tocar em João Paulo II na visita a Aparecida do Norte

sua crítica: "Para remediar a injusta distribuição das riquezas e a miséria dos proletários, os socialistas excitam nos pobres, o ódio contra os ricos, e defendem que a propriedade privada deve ser abolida, e os bens de cada um tornarem-se comuns a todos. Mas essa teoria, além de não resolver a questão, acaba por prejudicar os próprios operários. Vai contra o direito legítimo da propriedade, falseia as funções do Estado e subverte toda ordem social".

Nenhum adepto da teologia da libertação abandonou a igreja depois dessa crise. A maioria se sentiu até certo ponto prestigiada. É a primeira vez que os europeus reconhecem a influência de uma corrente teológica nascida na América Latina, 500 anos depois de iniciada a evangelização. Essa preocupação do Vaticano foi considerada uma vitória. Nova Evangelização

O clero progressista, que, na sua autocritica ao modelo de colonização das Américas, inclui a Igreja en-

sendo "terra de missão". Nos seus últimos escritos, João Paulo II demonstra preocupação com a redução do número de católicos praticantes, ao mesmo tempo em que se amplia, especialmente no Brasil, a influência de seitas evangélicas. Seitas consideradas cristãs e paracristãs, na opinião do Papa, "semeiam a confusão e constituem uma ameaça para a Igreja Católica e para todas as comunidades com quem ela mantém diálogo".

O papa João Paulo II deverá pedir ao clero brasileiro que se preocupe mais com a evangelização no seu sentido missionário, reconquistando "ovelhas perdidas" e anunciando a "palavra de Deus" principalmente nos grandes centros urbanos. Ele costuma dizer que "a missão da igreja não é a intervenção direta no plano econômico, técnico, político ou do contributo material para o desenvolvimento, mas consiste essencialmente em oferecer aos povos não um "ter mais" mas um "ser mais",

sapropriadas pelo governo. Essa linha de orientação pastoral divide o clero, mas tendo saldo positivo na visão do Papa. Ele diz que o possuidor da propriedade privada "obviamente tem a responsabilidade de não impedir que outros homens tenham igualmente a sua parte do dom de Deus; pelo contrário, deve cooperar com eles para que conjuntamente dominem toda a terra", as dívidas contraidas sejam pagas com sacrifícios insuportáveis".

Ecologia

O trabalho está diretamente ligado à exploração da terra. A questão ecológica na Bíblia aparece logo no primeiro livro, e em quase todas as religiões que a reconhecem a interpretação das primeiras linhas do livro do Gênesis indica que foi dada ao homem a liberdade de dominar o mundo, transformando-o conforme suas necessidades. Por isso, a questão ecológica é abordada pelo Papa João Paulo II toda vez que produz reflexões sobre o trabalho.

Na encíclica "Centesimus Annus", João Paulo II adverte inclusive para o fato de a humanidade se empenhar "demasiadamente pouco em salvaguardar as condições morais de uma autêntica ecologia humana. Além da destruição irracional do ambiente natural, é de se recordar outra mais grave, a do ambiente humano. Não só a terra foi dada por Deus ao homem, mas o homem é doado a si mesmo por Deus, devendo, por isso, respeitar a estrutura natural e moral de que foi dotado".

Neo-Capitalismo

Agora que o comunismo deixou de ser um grande contra a Igreja, e que o socialismo cai como sistema de governo em vários pontos do mundo, qual a postura de João Paulo II com relação ao capitalismo? O Papa considera que a "experiência histórica dos países socialistas demonstrou tristemente que o coletivismo não suprime a alienação, antes aumenta, enquanto a ela junta ainda a carência das coisas necessárias à ineficácia econômica".

A derrota marxista festejada pelo Papa está numa frase de sua última encíclica. "O marxismo", diz João Paulo II, "havia prometido desenraizar do coração do homem a necessidade de Deus, mas os resultados demonstram que não é possível consegui-lo sem desordenar o coração".

Nem tudo, porém, para o Papa, se resume no capitalismo, que agora se reforça. "A solução marxista faliu", diz ele, "mas permancem no mundo fenômenos de marginalização e de exploração, especialmente no Terceiro Mundo, e fenômenos de alienação humana, especialmente nos países mais avançados, contra os quais levanta-se com firmeza a voz da Igreja".

De positivo no capitalismo, João Paulo II aponta "o reconhecimento do papel fundamental e positivo da empresa, do mercado, da propriedade privada e da consequente responsabilidade pelos meios de produção,

da livre criatividade humana no setor da economia". De negativo ele indica o capitalismo como "sistema onde a liberdade no setor da economia não está enquadrada num sólido contexto jurídico que a ponha a serviço da liberdade humana integral". O novo capitalismo, na opinião do Papa, precisa levar em consideração que "há necessidades coletivas e qualitativas, que não podem ser satisfeitas através dos seus mecanismos; existem exigências humanas importantes, que escapam à sua lógica; há bens que, devido à sua natureza, não se podem nem se devem vender e comprar".

Em Cuiabá, análise da situação dos índios

Se o papa tiver idéia da situação dos índios no Brasil a partir dos relatórios que a Igreja recebe de suas entidades missionárias ou pesquisadoras, fará um discurso firme em defesa da regularização das terras indígenas e no combate a uma alarmante estatística de morte por causa de conflitos com os fazendeiros e garimpeiros invasores.

Em 16 de outubro, em Cuiabá, João Paulo II vai falar sobre os índios. eles eram a única presença humana quando há 491 anos a Igreja chegou com os portugueses para iniciar a envagelização. Alguns registros históricos informam que eram alguns milhões. Hoje são 235.000 no País inteiro, conforme dados do Centro Ecumênico de Documentação e Informação. Mas só 13,7% vivem em áreas regularizadas. Os demais ocupam glebas identificadas, interdidas ou apenas delimitadas.

Cerca de 5.000 estão sem terra, segundo dados do Projeto Estudo sobre Terras Indígenas no Brasil, divulgado em dezembro do ano passado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Sem a regularização fundiária, os índios enfrentam batalhas com fazendeiros, invasores e garimpeiros. Só no ano passado 13 índios foram assassinados, segundo relatório do Conselho Indigenista Missionário - Cimi. Na lista da morte por violência está o índio Marçal, que prestou uma homenagem ao papa durante sua primeira visita ao Brasil, há 11 anos.

No Oeste do Mato Grosso, o governo interditou dois milhões de hectares para 164 índios das tribos dos nhambicuaras e lantezu. Parte da gleba é pastagem, com currais e casas. Fazendeiros não indenizados aumentam a antipatia pelos índios, gerando mais tensão. O governo vai aumentar a reserva em 5.000 hecta-

res. Tanta área para uns, nada para outros. Em Brasilândia, no Mato Grosso do Sul, centenas de índios da tribo ofayé xavante estão há cinco anos morando numa gleba de terra emprestada por um fazendeiro, de onde é quase impossível tirar o sustento. Trabalham como bóias-frias na colheita de cana-de-açúcar. Assim como no Brasil dito civilizado, os índios também se dividem hoje em classes sociais. Enquanto algumas tribos, como os gaviões, do Pará, possuem avião, outras têm difi-

po com pequenas comunidades católicas, quando nos grandes centros urbanos gerações estão se formando "sem a oportunidade de ter o anúncio do evangelho". Como fez em outras ocasiões, o papa João Paulo II deverá vincular o futuro das comunidades indígenas à garantia de terra suficiente para que possam sobreviver.

Causa mortis

No ano passado houve registro de 69 mortes de índio, das quais 40 fo-

encontro da felicidade. Essa deverá ser uma mensagem do Papa João Paulo II aos índios, e também aos jovens, a quem ele dedicará suas palavras em Cuiabá. O papa sempre insiste em que logo cedo é preciso aprender a dar mais importância a "ser" do que "ter" as coisas. Nisso, segundo ele, consiste o exercício para se evitar a alienação ideológica e social da juventude.

Aos mais moços, João Paulo II costuma pedir "coragem". Especial-



Papa reza missa no Estádio do Morumbi, durante a visita em São Paulo

culdades para conseguir alimento.

Há inclusive registro de mortes por subnutrição. A aculturação dos índios, que teve início na boa fé da Igreja em catequizá-los, é um dos temas do filme "Ameríndia", produzido com participação da diocese de don Pedro Casaldáliga, bispo de São Felix do Araguaia, no Mato Grosso.

Na análise do próprio bispo, o trabalho mostra "a Igreja e sua presença tantas vezes ambigua", além de "imagens e testemunhos de diferentes povos indígenas do continente, o choque, o massacre e a última palavra que é de Deus".

Mas não de deve esperar do papa João Paulo II uma análise fria desse processo de aculturação. Mesmo porque ele acha que os padres e religiosos não devem perder muito tem-

mente "aqueles que crescem em ambiente de subcultura, de superstições, de violência, de braços dados com a agitação das cidades, presas fáceis da corrupção, da violência e da droga". Para o papa, "a droga é a machadada final nas raízes do ser".

Na carta encíclica "Centesimus Annus", ele diz que "a droga é um exemplo flagrante de consumo artificial, contrário à saúde e à dignidade do homem". O papa chama ainda de "débeis e frágeis", aqueles que usam a droga e a pornografia para "preencher o vazio espiritual".

O papa defende o trabalho como uma necessidade vital: "O desemprego é a morte do jovem", diz ele. Mas é na escola que João Paulo II considera estar o lugar para se desenvolver as capacidades da juventude.

"Eles amam a busca apaixonada da verdade, desejam a conquista, mesmo sofrida, da liberdade. Acreditam na participação, na justiça e no esforço para construir a paz".

A missão dos leigos é o tema em Campo Grande

A pregação que o papa João Paulo II fará no dia 17, em Campo Grande, será dedicada aos leigos — as pessoas que não são padres, freiras ou religiosas de alguma entidade reconhecida pelo Vaticano, mas que vão à missa com regularidade e seguem os preceitos da Igreja Católica.

Os leigos, também chamados "católicos praticantes", são divididos em vários grupos, associações ou movimentos. Nem sempre eles caminham conforme a orientação oficial da Igreja. Um exemplo disso são os Carismáticos. Eles estão trazendo de volta a busca de curas e milagres durante as orações. Conquistam principalmente a classe média, que acabou preterida na opção preferencial pelos pobres, feita pela maioria do clero. Lotam igrejas e até estádios municipais de futebol. Patrocinam programas evangélicos em emissoras de rádio, com estilo parecido ao dos protestantes. Satisfação pela conquista do público à parte, os Carismáticos são um risco para a hierarquia eclesial. Nas paróquias onde há leigos conhecidos pelo polêmico dom de provocar curas, os vigários acabam perdendo grande parte do poder.

João Paulo II dedicou algumas palavras ao movimento dos católicos carismáticos, no documento que escreveu o ano passado sobre "Vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo". Diz o Papa que nenhum carisma (dom excepcional concedido pelo Espírito Santo) está dispensado de sua referência e dependência dos pastores da Igreja. O Concílio escreve com palavras claras: "O juízo acerca da autenticidade do carisma pertence àqueles que presidem a Igreja e aos quais compete de modo especial não extinguir o Espírito, mas julgar tudo e conservar o que é bom".

Os leigos são considerados ainda "destinatários e protagonistas da política", por parte do chefe da Igreja.

O papa João Paulo II condena a participação do clero na política com a mesma veemência com que defende a dos leigos. Na "Exortação Apostólica Christifideles Laici", ele escreve que "os fiéis leigos não podem absolutamente abdicar da participação na política, ou seja, na múltipla

variada ação econômica, social, legislativa, administrativa e cultural, destinada a promover orgânica e institucionalmente o bem comum. Todos e cada um têm o direito e dever de participar da política. As acusações de arrivismo, idolatria de poder, egoísmo e corrupção que muitas vezes são dirigidas aos homens do governo, bem como a opinião difusa de que a política é um lugar de necessário perigo moral, não justificam minimamente nem o ceticismo nem a ausência do interesse dos cristãos pela coisa pública".

Ovelha desgarrada

Em seus escritos sobre a função missionária da Igreja, no real sentido de levar o Evangelho, e somente ele, aos que não estão ainda integrados nas comunidades paroquiais, o papa João Paulo II identifica três grandes grupos que carecem ser trabalhados pela Igreja — incluindo leigos e equipe eclesial.

O primeiro grupo é formado por um imenso universo de pessoas que jamais ouviram falar na mensagem de Cristo, morando nos países onde a queda do comunismo, antes de qualquer análise filosófica, representa aumento de área geográfica e populacional considerada de missão evangélica para a Igreja que se considera sucessora da comunidade dos apóstolos, chefiada pelo apóstolo Pedro, e a pedido do próprio Jesus de Nazaré. O intercâmbio de missionários de um país para outro é considerado importante pelo Papa. Independente de o Brasil ter carência de padres e religiosos, certamente estará mais atendido pelo clero que as repúblicas soviéticas.

A segunda evangelização implica o acompanhamento das comunidades eclesiais de base ou nas paróquias, conventos, seminários. Para esse setor, o Papa sempre recomenda muito cuidado e atenção para com o Evangelho, no sentido de se manter a unidade da instituição, com toda sua complicada hierarquia e preceitos, como o celibato, que é condenado pela maioria absoluta dos leigos.

O terceiro grupo é composto pelos católicos que abandonaram as comunidades nos últimos anos por problemas ideológicos. Sobre esses, o Papa deverá pedir atenção e perdão mútuo entre as partes conflitantes. Ele realça sempre que a Igreja deve ser lugar de encontro dos fiéis de diversos conceitos políticos, culturais e econômicos. No Brasil, a linha progressista teve efeito contrário à mobilização popular que se esperava a nível espiritual. A Igreja secularizada e com preferência de evangelização prioritária para os pobres excluiu, mesmo sem querer, a classe média.

Talvez antecipando a crítica do Papa, o teólogo Leonardo Boff, um dos progressistas da Teologia da Libertação, escreveu na *Revista Eclesiástica Brasileira* uma autocrítica em que afirma: "A Igreja institucional está praticamente ausente do mundo da nova classe média, formada por servidores públicos, trabalhadores da saúde, da educação, da comunicação e outros intelectuais, to-

dos assalariados". Sobre a forma de retorno que alguns estão tendo no chamado movimento carismático, Boff afirma: "Se esses movimentos se afirmam e crescem, é porque dão resposta real a demandas de sentido espiritual, especialmente à inquietação religiosa dos que sentem mais fortemente o desencanto do moderno mundo secularizado".

Na carta encíclica "Redemptoris Missio", João Paulo II escreve que "a nova evangelização, entre outras tarefas, deve criar, nos ricos, a consciência de que chegou o momento de se tornarem realmente irmãos dos pobres, na conversão comum ao 'progresso integral', aberto ao Absoluto".

Morte de menores e pena de morte, em Vitória

O extermínio de menores, a pena de morte e o aborto, os ricos descomprometidos com os po-

forem cristãos, a obrigação moral de ter em consideração, nas decisões, a relação de universalidade entre seus comportamentos e a miséria e o subdesenvolvimento de milhões de homens".

Ponto crítico

Na visão do Papa, essa desigualdade já atingiu o ponto crítico: "As populações excluídas da repartição equitativa dos bens, destinados originalmente a todos, poderiam perguntar-se: por que não responder com a violência a quem são os primeiros a tratar-nos com violência?" E nessa linha de raciocínio o Papa chega a fazer uma inovação. Na encíclica "Sollicitudo Rei Socialis", quando coloca as diretrizes da ação da Igreja na sociedade, João Paulo II sugere que as paróquias reflitam sobre a possibilidade de vender parte de seus bens se o benefício for maior a fome de uma população.

O parâmetro religioso para cobrança moral está na defesa da vida. A miséria, no pensamento do Papa, induz à violência e à morte. Mas não só ela. O aborto e a pena de morte, legalizados ou não, já se caracterizam como um dos maiores desafios a ser enfrentado pelo País nos anos 90, segundo o Papa. O deputado José Genoíno (PT-SP) já acenou com a intenção de regulamentar o

de manter o planejamento familiar. "O ser humano", diz ele, "em todas as fases de seu desenvolvimento, desde a concepção até a morte natural, e em todas as suas condições, tanto de saúde como de doença, de perfeição ou de deficiência, de riqueza ou de miséria, é o templo de Deus, caminho da Igreja". O Concílio Vaticano II afirma: "Tudo quanto se opõe à vida, como seja toda espécie de homicídio, genocídio, aborto, corrompe a civilização humana, desonra mais aqueles que assim procedem do que os que a padecem. Ofende gravemente a honra devida ao Criador". O Papa deixa claro que "a Igreja é perita em humanidade e está do lado da vida". Ele acha que o mundo está criando a "cultura de morte". E afirma "a Igreja não se furtou com clareza e vigor para denunciar o aborto, que como grave ofensa à lei de Deus, único Senhor da vida, quer como violação do direito primário e intocável da pessoa humana de existir.

Campanhas condenadas

O controle de natalidade inspirou o Papa a escrever na encíclica "Sollicitudo Rei Socialis", que considera "alarmante em numerosos países a difusão de campanhas sistemáticas contra a natalidade por iniciativa dos próprios governos, em contraste não só com a identidade cultu-

levantados a partir de reportagens publicadas na imprensa, revelam que no período de 18 meses anteriores a julho de 1989 foram assassinadas 624 crianças e adolescentes de rua em 15 Estados brasileiros, 130 deles atribuídos a grupos de extermínio.

A *Revista Eclesiástica Brasileira* publicou que "a desordenada política de planejamento familiar, desenvolvida ultimamente no Brasil, tem provocado alguns resultados inquietantes". Dados atribuídos à Unicef e ao Ministério da Saúde revelam que a taxa de natalidade caiu brutalmente de 2,4% em 1960 para 2,0% no fim dos anos 80, enquanto registrou-se também uma diminuição de cerca de 50% na taxa total de fertilidade da mulher brasileira. Nos Estados do Nordeste, como o Maranhão, mais de 70% das mulheres entre 15 e 54 anos estão esterilizadas. No Sul a porcentagem cai para 22%.

Em Maceió, a evangelização no mundo das comunicações

O maior desafio da Igreja para a evangelização neste final de século, na visão do Papa, é ganhar o mundo das comunicações de massa. João Paulo II entende que a "nova sociedade" — que será um dos temas do sermão em Maceió — está nascendo sob a cultura da "aldeia global", interligada via satélite.

Ele diz que "os meios de comunicação social ganharam tamanha importância que são para muitos o principal instrumento de formação e informação, de guia e inspiração dos comportamentos individuais, familiares e sociais. Principalmente as novas gerações crescem num mundo condicionado pelos meios de comunicação de massa".

Não se trata apenas de transmitir a palavra do Evangelho na televisão e no rádio. Na encíclica "Redemptoris Missio", dedicada à função missionária da Igreja, o Papa diz que "não é suficiente usá-los para difundir a mensagem cristã e o Magistério da Igreja, mas é necessário integrar a mensagem nesta 'nova cultura', criada pelas modernas comunicações. É um problema complexo, pois essa cultura nasce menos dos conteúdos do que do próprio fato de existirem novos modos de comunicações, com novas linguagens, novas técnicas e atitudes psicológicas".

Em São Paulo, um padre decidiu usar videocassete para tornar os sermões mais atraentes, mas em praticamente todas as celebrações o instrumento mais moderno é só o microfone com alto-falantes. Não há dados oficiais, mas estima-se que a Igreja é proprietária de aproximada-

Dados da Anistia Internacional,

ças. Mas convém esclarecer que o anúncio é sempre mais importante que a denúncia e essa não pode prescindir daquele, pois é isso que lhe dá a verdadeira solidez e a força.

Unir a Igreja através da palavra. Esse é o desafio da evangelização pessoal, desenvolvida pelo Papa, e da qual ele se considera consciente. Seu lema é: "Pus-me a caminho pelas estradas do mundo". Se no passado usaram artifícios como o mesmo vernáculo de uma língua morta, e até a outorga do crédito de "infalibilidade" dos atos do Papa por decreto para punir os católicos, hoje João Paulo II nem toca nesses assuntos. A unidade para ele está na mensagem, cada vez mais unidade na subjetividade, embora em cada comunidade no mundo ele tenha que assumir formas diferentes de tocar na emoção das pessoas.

te exerceram sobre os escravos na época da colonização do Brasil?

O papa João Paulo II vai falar sobre o respeito que se deve ter para com as culturas populares exatamente em Salvador, sede dos maiores conflitos entre a prática popular de religiosidade dos negros e a Igreja oficial.

Em novembro de 1986, quando esteve visitando a Nova Zelândia, antes de celebrar uma missa em Auckland, o papa foi o centro do ritual chamado "hongi". É uma colíria cerimonial tradicional, e nela três homens com o corpo pintado aproximaram-se ameaçadoramente do Papa, agitando suas lanças e deram gritos horríveis diante dele. Uma vez confirmada as "intencões amigáveis" do Papa, veio a segunda parte da cerimônia, que consistia em esfregar o nariz do visitante ao de

de branco, queimasse pólvora em torno de seus pés para espantar o mal olhado e as tensões negativas, sob o ritmo forte dos tambores? Na verdade, a Igreja do cardeal primaz do Brasil Lucas Moreira Neves tem sérias reservas à religiosidade dos negros e mestiços baianos e à tradição cultural deles de misturar os cultos afros com os católicos.

Dom Lucas, o ex-professor de português do Papa, chegou a Salvador em setembro de 1987 e logo de início envolveu-se numa crise de relacionamento com o candomblé. Sua antipatia explícita ao sincretismo religioso afro-baiano causou o primeiro atrito após a morte de dom Avelar Brandão, que administrava bem um comportamento moderado entre as duas alas da Igreja. Salvador é uma cidade onde 80% da população são negros e mestiços e des-

Medo do Animismo

A maior reprovação de João Paulo II à religiosidade africana é quanto ao animismo, ou seja, a tendência a considerar todos os seres da natureza como dotados de espírito, capazes de agir conforme uma finalidade.

Na Bahia e em Pernambuco, algumas árvores são consideradas sagradas e até tombadas pelas autoridades como monumentos.

Em março de 1983, falando a sete bispos do Zaire que estiveram em visita ao Vaticano, João Paulo II alertou para o "perigo de se introduzir na doutrina católica elementos de religião animistas da África". Para o Papa, "a criação de uma teologia e filosofia especial africana" poderiam cortar os verdadeiros vínculos com Cristo e "o cristianismo se converteria apenas numa referência verbal".

As missas africanas já assimilaram ritmos, danças e músicas da cultura negra, mas no Brasil essa aculturação nem sempre é respeitada. A própria Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) lança todos os anos um disco com músicas da Campanha da Fraternidade que, além de ser única em todo País, não respeita as características regionais quando impõe ritmos sulista para serem cantados nas igrejas de todo o País.

De qualquer maneira, a Igreja já esteve bem mais longe das raízes do povo. Em 1563, no Concílio de Trento, ficou definido que em todos os lugares do mundo as missas teriam que ser celebradas em Latim, considerada a língua oficial do Vaticano. A finalidade principal da medida era manter a unidade do catolicismo, ameaçado pelo nascimento do protestantismo. Em 1964, o Concílio Vaticano II acabou com essa exigência, que na verdade já não vinha sendo cumprida, mesmo porque a unidade havia sido preservada.

João Paulo II, na carta encíclica "Centésimus Annus", condena aqueles que "em nome de uma ideologia que se pretende científica ou religiosa defendem poder impor aos outros homens a sua concepção da verdade e do bem. Não é desse tipo a verdade cristã. Não sendo ideológica, a fé cristã não presume encerrar num esquema rígido a variável realidade sócio-política e reconhece que a vida do homem se realiza na história, em condições diversas e não perfeitas. A Igreja, portanto, tem por método o respeito à liberdade".



João Paulo II reza missa na igreja matriz de Salvador, que será revisitada

Catolicismo e África, no discurso de Salvador

Como conjugar o catolicismo com a cultura religiosa africana, nascida exatamente da opressão que a Igreja e a classe dominan-

mais 20 representantes da comunidade. Alguns de seus pais ainda eram adeptos da antropofagia. Mais tarde, na missa, João Paulo II elogiou o ritual e defendeu sua coexistência com a fé cristã. Disse que a sociedade moderna corre o risco de perder muitos valores fundamentais, como "o reconhecimento das dimensões espirituais, a veneração do meio ambiente, o sentido comunitário, a lealdade à família, disposição de compartilhar os bens materiais e a aceitação da morte como parte da vida".

Será que o Papa teria a mesma reação se adeptos do candomblé o rodeassem em Salvador e, vestidos

de o século 19 praticam o sincretismo. Foi uma forma encontrada pelos escravos para manter viva sua religião de origem, trazida da África durante o período de escravidão. Pelo sincretismo, os negros enganavam os senhores escravos. Eram obrigados a ir à igreja e ser católicos. Por isso escolhiam um santo católico para representar um Orixá. Assim, quando cultuavam São Jorge, em realidade estavam cultuando Oxos-si.

Em janeiro, na grande festa de Oxalá, que é o Senhor do Bonfim, tradicionalmente os negros lavam as escadarias e o adro da Basílica do Bonfim, na cidade baixa em Salva-

Visita de João Paulo II tem aspectos políticos

ARQUIVO/7.8.80

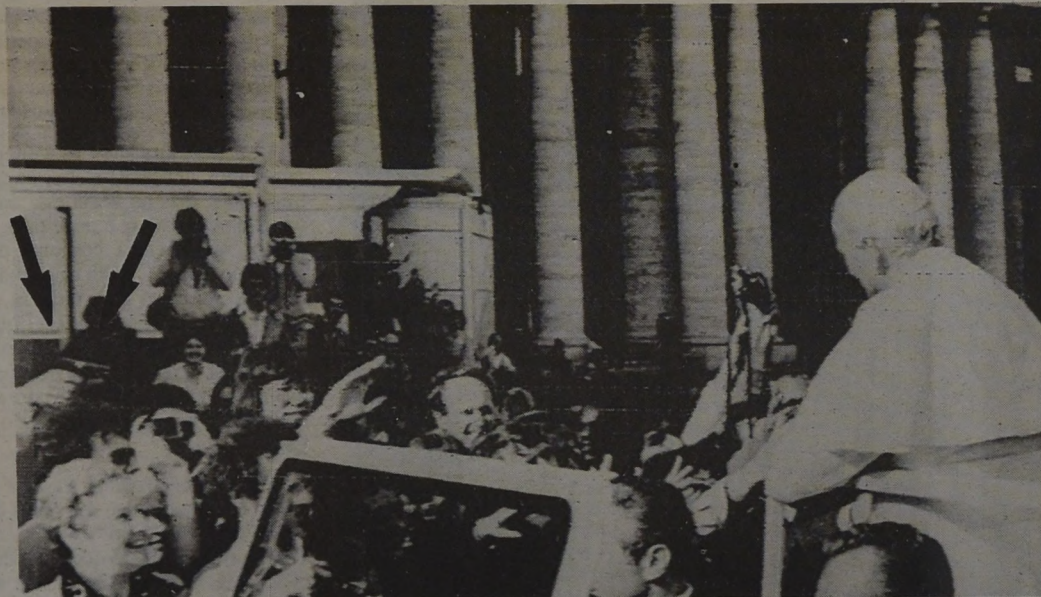
A visita de João Paulo II ao Brasil tem um sentido evangelizador, mas os aspectos políticos também estarão presentes. O Papa é um líder religioso, mas é também o Chefe de Estado do Vaticano. Um Estado desarmado, é verdade. Mas nem sempre foi assim. Em outras épocas, o Papa era um poderoso líder político mundial. A ponto de, no final do século 15, ter dividido entre Portugal e Espanha todas as novas terras que viessem a ser descobertas.

Em 1980, quando da primeira visita de João Paulo II ao Brasil, o País vivia a fase final do processo da abertura "lenta e gradual". Presidia o País o general João Baptista Figueiredo, que vivia às turras com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) por conta das constantes denúncias, feitas

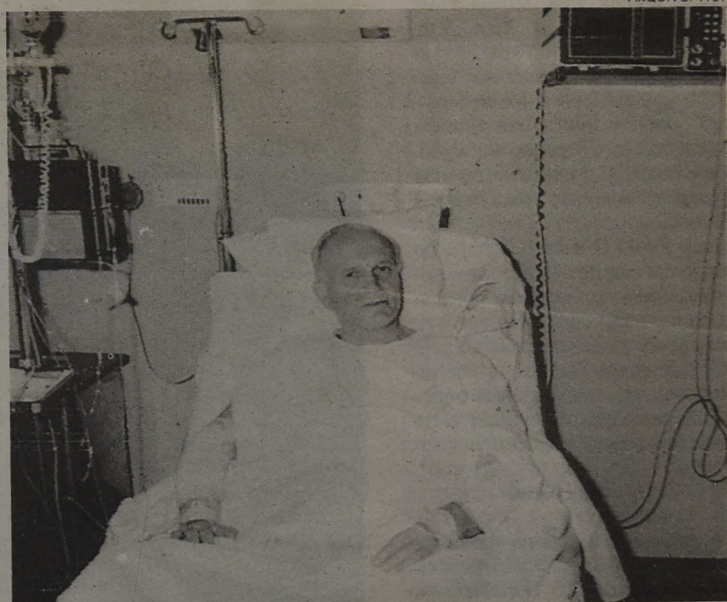
por bispos brasileiros, de atentados aos direitos humanos cometidos pelo regime militar. O presidente Figueiredo recebeu o Papa em Brasília "apenas na qualidade de Chefe de Estado" e com o formalismo que caracteriza o relacionamento entre dirigentes de nações e chefes de Estado. No final da visita de 12 dias, ao constatar que João Paulo II não tinha condenado o regime, o presidente Figueiredo voou até Manaus para apresentar as despedidas oficiais do governo brasileiro. Hoje, as relações entre governo e Igreja são melhores. Por isso, espera-se um Papa mais à vontade para críticas sociais. Em suas homilias, estão críticas às desigualdades sociais, condenará a violência contra crianças, índios e a falta de trabalho, mas sem culpar o governo por isso.



O Papa é recebido pelo presidente Figueiredo: relações pouco cordiais



ARQUIVO/13.5.81



ARQUIVO/1981

Em 1981, um tiro disparado por Ali Agca feriu o Papa na Praça de São Pedro; hospitalizado, ele sobreviveu à cirurgia e a uma infecção posterior

Segurança foi ampliada após atentado de 1981

Em suas aparições ao público na praça de São Pedro, em Roma, e nas visitas pastorais a dezenas de países de todos os continentes, o papa João Paulo II tem sido vítima de tentativas de morte de regicidas, terroristas e maníacos de todos os tipos.

Um único atentado conseguiu até hoje atingir o papa. Foram os tiros disparados pelo turco Mehmet Ali Agca, no dia 13 de maio de 1981. O papa desfilava num carro aberto pela praça de São Pedro. Leva-

do imediatamente para o hospital, o papa conseguiu sobreviver inclusive a uma infecção que se manifestou após as cirurgias a que se submeteu. Desde então, ele somente aparece diante de multidões em automóveis protegidos por vidros à prova de balas e popularmente conhecidos por "pamóveis".

Ali Agca foi preso logo após disparar contra o papa e até hoje paira o mistério sobre o que teria levado aquele jovem turco, foragido de uma cadeia

na sua terra natal onde cumpria pena por crime de morte, a tentar matar o papa. Teria ele agido isoladamente ou fazia parte de uma conspiração? A mais verossímil das versões foi a de que o jovem turco era a mão armada de uma chamada "conexão húngara", um complô de serviços secretos do Leste europeu para fazer desaparecer o papa polonês que lutava sem cessar contra o comunismo. Mas um longo e volumoso processo aberto pela polícia italiana tentando fazer confirmar

essa versão não foi aceita pela Justiça, que terminou absolvendo todos os acusados, com exceção do próprio Ali Agca, que hoje cumpre pena de prisão perpétua numa penitenciária romana; lá ele recebeu a visita do próprio João Paulo II, que o perdoou pessoalmente.

As especiais medidas de segurança adotadas em torno do papa em suas visitas têm evitado que outras tentativas de agressão cheguem a se concretizar. Um ano depois do aten-

tado da praça de São Pedro, por exemplo, o papa sofreu nova tentativa de agressão no Santuário de Fátima, em Portugal, onde havia ido agradecer à Virgem o fato de ter sobrevivido à agressão de Ali Agca; um padre tradicionalista de 38 anos, Juan Maria Fernandez Khron, tentou matá-lo com uma baioneta. Detido pela segurança a apenas três metros do papa, Juan Maria foi julgado e condenado a seis anos de prisão.